

## A NOVA ERA DA MATEMÁTICA: UMA ANÁLISE POLÍTICA DO LIVRO DIDÁTICO

Yasmin Cartaxo Lima<sup>1</sup>

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4272-2832>

Fernanda Dartora Musha<sup>2</sup>

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6431-1009>

Elenilton Vieira Godoy<sup>3</sup>

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8081-5813>

### RESUMO

A chamada “nova era” na política, marcada pelo forte conservadorismo e religiosidade, vem com um grande ataque às ciências humanas e as discussões de gênero e orientação sexual a elas associadas. Em um lugar comum de neutralidade de saber científico, a Matemática tradicional não se posiciona; é possível, contudo, que o currículo de Matemática saia da imparcialidade, em um movimento de contraconduta ao imposto no contexto atual. Em um ato de resistência política, surge este artigo com o objetivo de investigar um dos pilares das aulas de Matemática: o livro didático. Articulando o livro analisado com o contexto político atual, utilizou-se de metodologia qualitativa para desenvolver a análise de discurso dos textos que compõem esta pesquisa - excertos do livro em questão e falas da ministra Damares Alves. O livro didático escolhido, aprovado no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2017, apresenta o mesmo discurso da “nova era” da ministra, fortemente conservador e embasado em preceitos religiosos, acerca da questão de gênero e orientação sexual.

**Palavras-chave:** Gênero; Livro didático de Matemática; Política.

1

## THE NEW ERA OF MATHEMATICS: A POLITICAL ANALYSIS OF THE TEXTBOOK

### ABSTRACT

The so-called “new era” in politics, marked by strong conservatism and religiosity, comes with a major attack on the human sciences, and on gender and sexual orientation discussions associated with those sciences. In a common place of scientific knowledge neutrality, traditional mathematics takes no position; it is possible, however, for mathematics curriculum to get out of impartiality, in a counter-conduct movement to what is imposed in the current context. In an act of political resistance, this article appears in order to investigate one pillar of mathematics' classes: the textbook. Articulating the analyzed book with the current political context, a qualitative methodology was used to develop the discourse analysis of the texts presented on this research - excerpts from the book in question and speeches of Minister Damares Alves. The chosen textbook,

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [yasclima@gmail.com](mailto:yasclima@gmail.com).

<sup>2</sup> Licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [fernanda.musha@gmail.com](mailto:fernanda.musha@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do departamento de Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: [elenilton@ufpr.br](mailto:elenilton@ufpr.br).

approved in the 2017 PNLD (Brazilian Textbook Program), presents the same speech of the minister's "new era", strongly conservative and based on religious precepts, about gender and sexual orientation issues

**Keywords:** Gender; Mathematics textbook; Politics.

## LA NUEVA ERA DE LAS MATEMÁTICAS: UN ANÁLISIS POLÍTICO DEL LIBRO DIDÁCTICO

### RESUMEN

La llamada "nueva era" en la política, marcada por un fuerte conservadurismo y religiosidad, viene con un gran ataque contra las ciencias humanas y las discusiones sobre género y orientación sexual asociadas con ellas. En un lugar común de neutralidad del conocimiento científico, las matemáticas tradicionales no se posicionan; sin embargo, es posible que su plan de estudios salga de la imparcialidad, en un movimiento contra lo impuesto en el contexto actual. En un acto de resistencia política, este artículo surge con el objetivo de investigar uno de los pilares de las clases de matemáticas: el libro didáctico. Al articular el libro analizado con el contexto político actual, se utilizó una metodología cualitativa para desarrollar el análisis del discurso de los textos que componen esta investigación: fragmentos del libro en cuestión y discursos de la ministra Damara Alves. El libro didáctico elegido, aprobado en el Programa Nacional del Libro y del Material Didáctico (PNLD) de 2017, presenta el mismo discurso de la "nueva era" de la ministra, fuertemente conservador y basado en preceptos religiosos, sobre el tema de género y orientación sexual.

**Palabras clave:** Género; Libro didáctico de Matemáticas; Política.

### INTRODUÇÃO

2

---

*“Atenção, atenção. É uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa!”*

É perceptível a incongruência de um discurso da “nova era” repleto de marcas conservadoras. Uma das duas únicas mulheres a assumir o cargo de ministra no governo de Jair Bolsonaro, Damara Regina Alves aceitou seu posto no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no início de 2019 e, desde então, vem se posicionando de forma polêmica em diversas falas, algumas, como as que serão expostas neste artigo, incompatíveis com o ministério que encabeça.

Anteriormente, Damara era pastora da Igreja Batista. Com forte vínculo religioso conservador, quando questionada se a mulher deveria ser submissa ao homem em uma audiência pública na Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres, Damara afirmou que “a mulher é sim submissa ao homem” de acordo com a sua religião, mas que isso seria uma crença da fé dela e que ela não seria “menos capaz de dirigir o ministério devido a isso”. Segundo Dario Paulo Barrera Rivera<sup>4</sup> (2015 *apud* Fabrício de Moura BASSI; Romana Isabel Brázio Valente PINHO, 2019, p. 289) “[...] a laicidade se ancora em três

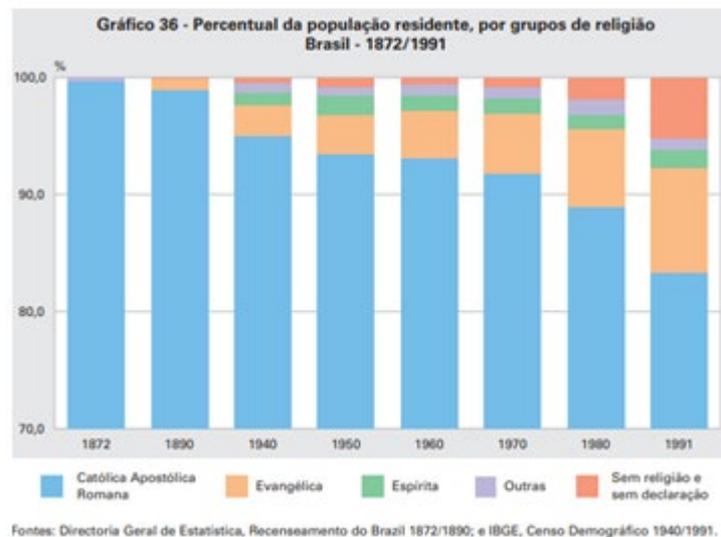
---

<sup>4</sup> Inspiradas pela tese da professora Megg Rayara Gomes de OLIVEIRA (2017), propomos nesse artigo uma fuga à linguagem sexista. Dessa forma, na primeira vez que houver citação de um autor ou autora, será transcrito seu nome por completo para identificação de seu gênero, dando, assim, mais visibilidade para outras pessoas que não apenas homens pesquisadores.

princípios: a separação entre Igreja e Estado, a neutralidade do Estado perante as diversas tradições religiosas e a liberdade de consciência e de crença com tratamento isonômico entre os cidadãos e as instituições religiosas." Com a Constituição de 1891, o Brasil passou a ser um Estado Laico, porém podemos perceber, por exemplo, que em diversas repartições públicas (inclusive no Supremo Tribunal Federal) tem-se crucifixos pendurados nas paredes.

A força da ordem católica e evangélica também reflete na sua grande representatividade política: atualmente, há 75 deputades evangélicas eleites<sup>5</sup>, enquanto em 2010 e em 2014, eram 43 e 68 respectivamente, números que respaldam o aumento significativo na parcela da população que acredita na importância da política ter uma religião (Adriane SCHULTZ, *et al.*, 2018). Também é notório o aumento da população que se autodeclara evangélica (Figura 1) em paralelo com o número de deputades eleites que seguem a mesma religião.

**Figura 1** – Gráfico da população residente do Brasil por grupos de religião



**Fonte:** IBGE (2010).

Emerson Roberto da Costa (2016) demonstra em sua tese como o aumento no número de fiéis está diretamente ligado ao número de parlamentares evangélicos, assim como discorre sobre o ativismo religioso com viés político que possui íntimo interesse com questões relacionadas ao controle dos corpos, a moral sexual e aos direitos reprodutivos. A frágil laicidade da política brasileira abre brechas para que discursos marcadamente conservadores respaldados na narrativa cristã tomem voz.

Nesse cenário, o discurso conservador cristão ganha força, com apelos populares à família tradicional e ataques às minorias e à educação, principalmente às

<sup>5</sup> Escolhemos utilizar o Sistema Elu da linguagem neutra em uma tentativa de escrita inclusiva para todos. Assim, faremos o uso dos neopronomes pessoais e substituição de artigos definidos e desinências de palavras generificadas.

ciências humanas, por parte de grandes figuras da política. É notório, entretanto, que a disciplina escolar de Matemática não seja alvo de tais ataques, uma vez que a Matemática tradicional se afasta das ciências humanas e às discussões a elas associadas, como a questão de gênero e orientação sexual.

Assim, como um dos pilares das aulas de Matemática tradicionais, o livro didático é um dos protagonistas da análise deste artigo, sendo articulado com o cenário político atual. Com o objetivo de identificar os discursos presentes no livro didático de Matemática, foi escolhido um livro didático de Matemática referente ao 9º ano do Ensino Fundamental, aprovado no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2017, que será estudado e articulado com posicionamentos da ministra Damares Alves. O livro em questão foi o quarto livro didático de matemática mais distribuído do ano de 2017 (284.144 exemplares para les estudanties e 7.394 para les professories), sendo amplamente utilizado.

## **EXCERTO TEÓRICO**

A Matemática tradicional, dentro da prática de exercícios, determina um confinamento de soluções a uma única resposta (Ole SKOVSMOSE, 2000). Assim, é usual que o balizamento decorrente crie um esquivamento da Matemática de temáticas sociais. É, contudo, possível, que se crie espaço para que a Matemática critique e seja criticada, sendo assim um alicerce da democracia (SKOVSMOSE, 2000).

Como um dos materiais curriculares base para as aulas (de Matemática), o livro didático opera na formação de valores e reverbera a sociedade em que se vive (Marli Dallagnol FRISON *et al.*, 2007). Suas representações são capazes de embasar a construção da identidade de jovens estudantes em se falando de relações de gênero (Lindamir Salete CASAGRANDE; Marília Gomes CARVALHO, 2006). Assim, neste espaço de legitimação de ideologias socioculturais que a escola configura, é desenvolvida uma pedagogia cultural de forma quase imperceptível, que dá naturalidade e um quê de justiça à sociedade (Guacira Lopes LOURO, 2019; Michael Whitman APPLE, 1989).

Aqui compreendido como um instrumento que colabora para a naturalização dos corpos sexuados dentro de uma estrutura binária e hierárquica (Judith BUTLER, 2019a), o gênero constitui-se como um mecanismo classificatório que atribui diferentes valores aos diferentes corpos. Já a orientação sexual diz respeito ao direcionamento dado aos desejos e práticas sexuais, sendo, também, mediado por discursos classificatórios do âmbito da normalidade/anormalidade, onde a heterossexualidade é tida como a norma, o natural (Guacira Lopes LOURO, 2008).

A sexualidade, a qual abrange gênero e orientação sexual, se constitui com múltiplos discursos normatizadores e reguladores sobre o sexo e é assim pedagogizada

na escola: há um reflexo das relações de poder existentes na sociedade dentro da instituição escolar, a qual contribui para a reprodução e produção da heteronormatividade, que coloca no topo da cadeia o homem branco, heterossexual, cristão e de classe média urbana (Guacira Lopes LOURO, 2008; 2019). Este grupo representa os gêneros "inteligíveis" - em coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo -, e quem não se adequa em sua expressão de gênero à norma imposta e naturalizada tem sua existência questionada (Judith BUTLER, 2019b).

Uma outra abordagem pedagógica contribuinte para a exclusão dos grupos subalternizados é a celebração da diferença sem questionar a fabricação desta, em uma nova dicotomia de pessoas dominadas toleradas e dominantes tolerantes (Tomaz Tadeu da SILVA, 2009). As diferenças produzidas por meio desse instrumento de homogeneização que é a escola são significadas para que o que é diferente seja avaliado negativamente em relação ao que é "não diferente" (Tomaz Tadeu da SILVA, 2016). Um currículo multiculturalista pós-crítico questiona constantemente a diferença, saindo de tal celebração: há a busca pela compreensão de como são produzidas tais diferenças em relações assimétricas de poder (Tomaz Tadeu da SILVA, 2016).

É necessário então transformar o currículo vigente, que produz e corporifica relações desiguais de gênero: se faz necessário pôr em xeque a valorização de características associadas ao gênero masculino e a produção da masculinidade hegemônica e refletir também interesses e experiências associadas ao feminino fora da visão androcentrista.

## **PERCURSO METODOLÓGICO-ANALÍTICO**

A proposta metodológica desta pesquisa é de cunho qualitativo e consiste em uma análise de discurso embasada em Sérgio Augusto Freire de SOUZA (2014). A partir da circunscrição do conceito-análise, no caso gênero e orientação sexual, serão respondidas as perguntas heurísticas "Como o texto constrói o conceito-análise? A que discurso pertence o conceito-análise da forma que o texto constrói?", fundamentando a escrita da análise (Sérgio Augusto Freire de SOUZA, 2014).

Será investigado por completo (textos e imagens) o livro didático de matemática do 9º ano do Ensino Fundamental do Projeto Teláris, escrito por Luiz Roberto Dante (2016). O livro foi aprovado no PNLD de 2017 (Decreto n. 9.099 de 19 de julho de 2017), no qual consta o respeito às diversidades sociais, culturais e regionais, à liberdade e o apreço à tolerância (BRASIL, 2017).

Também será desenvolvida a análise de discurso das falas da ministra Damare Alves, buscando elucidar que

[...] nada na língua é aleatório. O uso de palavras e frases não é resultado de liberdade do falante. Esse uso é determinado pelas possibilidades de dizer, que, por sua vez, são determinadas pelas condições sócio-históricas de produção (Sérgio Augusto Freire de SOUZA, 2014).

## Análise

O conceito-análise que perpassa todas as investigações é "gênero". Após a análise da fala de Damares para a Gazeta do Povo (DAMARES<sup>6</sup>, 2020), as principais marcas textuais são: "conversar com os jovens sobre sexo e afeto", "as nossas adolescentes, em sua grande maioria, estão tendo relações sexuais por uma pressão social", "a gente vai poder falar no Brasil sobre alma gêmea", "o método mais eficaz para não engravidar: é não ter a relação". De forma semelhante, o livro didático, em uma seção especial "Conexões", também aborda a questão de gravidez na adolescência, onde as marcas textuais que se destacam são: "a menina de 14 anos com a criança no colo", "é a vida da adolescente que com 13 anos ganhou uma responsabilidade a mais", "é importante alertar os alunos sobre métodos contraceptivos, além de estimular atitudes como passar mais tempo estudando, lendo, praticando atividades físicas, etc."

Tais marcas textuais pertencem a um discurso religioso a respeito da relação sexual: a abstinência ou o adiamento do início das relações sexuais tem base nas premissas de pureza da teologia moral da cristandade ocidental, com efeitos de dominação e controle da condição feminina (Gizlene NEDER, 2016). Ademais, tanto no livro didático quanto na fala da ministra, observamos a intensa menção às mulheres; no livro, ainda, não há uma única menção aos homens no excerto para prevenção da gravidez na adolescência. Esse discurso é de responsabilização unicamente da mulher pelo ato sexual, quando, na verdade, muitos dos casos de gravidez na adolescência são resultados de abuso sexual (G1, 2018).

Também sob o conceito-análise "gênero", a frase que abre esse trabalho proferida pela ministra no início de 2019 (DAMARES, 2019), pode ser vista por inteiro como uma marca textual: "é uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa!". Já no livro didático, observamos as seguintes marcas textuais: "um rapaz desafiou seu pai para uma corrida", "o dono da empresa", "a bibliotecária", "Luciana estava indecisa sobre qual combinação de roupa usaria", "um engenheiro", "Gustavo é representante comercial". As Figuras de 2 a 6 também representam marcas textuais sobre o conceito-análise "gênero".

---

<sup>6</sup> Opta-se, neste artigo, por utilizar o prenome da ministra para indicar referência, em decorrência de seu caráter como figura pública.

**Figura 2** – Menino com roupas típicas do gênero masculino



**Fonte:** Luis Roberto Dante (2016, p. 13).

**Figura 4** – Mulher cortando o cabelo com cabelereira



**Fonte:** Luis Roberto Dante (2016, p. 98).

**Figura 3** – Meninos jogando futebol



**Fonte:** Luis Roberto Dante (2016, p. 266).

**Figura 5** – Mulher cortando papel



**Fonte:** Luis Roberto Dante (2016, p. 141).

**Figura 6** – Time brasileiro de basquete feminino



**Fonte:** Luis Roberto Dante (2016, p. 267).

O discurso dessas marcas textuais é o discurso sexista e machista, que parte da lógica binária de gênero (feminino-masculino), em que se tem a ideia de que existem papéis específicos para homens e mulheres. Aos homens, cabem as atividades esportivas, profissões de maior prestígio social e a cor majoritária de suas vestes é a azul. Já às mulheres, cabem atividades passivas, com a marcação do gênero feminino em profissões consideradas “de mulheres” (bibliotecária, cabeleireira), além da preocupação com a idade presente em alguns exercícios ao longo do livro. A figura 6 (do basquete) se mostra como uma das poucas exceções da mulher em um ambiente predominantemente masculino, sendo um exemplo de “celebração das diferenças”.

A última análise tem como conceito-análise “orientação sexual”. Nesta investigação, percebeu-se as seguintes marcas-textuais na fala da ministra (DAMARES, 2019): “escolhe uma das 70 identidades de gênero”, “os meninos estão confusos, estão se suicidando, estão se cortando, estão em depressão”, “estamos confundindo as crianças em suas identidades biológicas”, “eles estão dizendo para as nossas crianças que elas podem ser pansexual”, “será que se apaixonar por criança será pansexualidade?”. Já na parte “Manual do professor” do livro didático, temos a seção “Temas transversais”, onde tem-se várias temáticas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Dentre elas, há um segmento “Orientação sexual”, cujas marcas textuais são: “não cabe ao professor de matemática dar orientação sexual aos alunos”, “estatística sobre a incidência de gravidez prematura”, “evolução da Aids nos diferentes grupos (jovens, homens, mulheres, homossexuais, etc.)”, “estatísticas sobre prevenções de doenças sexualmente transmissíveis”.

Essas marcas textuais pertencem ao discurso LGBTQIA+fóbico<sup>7</sup>, que, além de desconhecer as terminologias corretas sobre a sexualidade, confere a ideia de doença e perversidade às pessoas LGBTQIA+, ao fazer associações com Aids (Síndrome da imunodeficiência adquirida) e pedofilia. No livro, percebemos o uso incorreto de “orientação sexual”, que, na verdade, diz respeito a com quem nos relacionamos (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc.), mas, no material didático, abrange a sexualidade de forma geral - tratando de relacionamentos, relações sexuais, saúde sexual. Damares também demonstra desconhecimento sobre o assunto, já que confunde pansexualidade (orientação sexual) com identidade de gênero.

Ademais, a única menção à homossexualidade no livro didático é no mesmo tópico sobre Aids, reforçando o tabu e o estigma que existe em relação ao vírus e à orientação sexual. A ministra também exhibe desrespeito ao associar a pansexualidade com pedofilia, pois a pansexualidade se refere às pessoas que se atraem por qualquer

---

<sup>7</sup>A sigla LGBTI+ representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Intersexuais e outras orientações sexuais e representações de gênero que não a cis-heterossexualidade.

outra pessoa (dentro das normas etárias), enquanto le pedófile é aquela pessoa que comete um crime contra crianças e adolescentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que o discurso conservador religioso, em um Estado laico e país diverso, esteja fortemente presente nos livros didáticos. A polêmica das falas da ministra Damares Alves se faz presente em uma ferramenta fortemente usada nas aulas de Matemática, que faz com que este discurso seja naturalizado e se perpetue a fabricação de diferenças e a significação negativas destas.

A ideia de “nova era” criou esperança a pessoas conservadoras que acreditam na ameaça da “ideologia de gênero”<sup>8</sup>; a “nova era”, contudo, já estava presente nos livros didáticos antes mesmo das falas da ministra. A ameaça não é a “ideologia de gênero”, mas sim discursos marcadamente religiosos e conservadores que tomam grandes proporções políticas por serem apontados como inovadores, ganhando cada vez mais espaço.

Na perspectiva de um currículo multiculturalista pós-crítico, faz-se urgente a contestação de tais discursos não somente na esfera política. Em um momento de silenciamento de quem é diferente, não existe imparcialidade frente ao cenário que o livro analisado apresenta e é crucial que - inclusive - a Matemática se posicione como resistência a esse movimento.

## REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. Currículo e poder. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 46-57, 1989. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/issue/view/issue/3061/327>. Acesso em 24 out 2020.

BASSI, F. M.; PINHO, R. I. B. V. Religião, direitos humanos e laicidade. **Revista Educação e Políticas em debate**. Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 288-294, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/REPOD-v8n2a2019-51992>. Acesso em 24 out 2020.

BRASIL. **Decreto n. 9.099**, de 18 de julho de 2017. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm). Acesso em 24 out 2020.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: N-1 Edições, 2019a.

---

<sup>8</sup> O combate à “ideologia de gênero” travado pelo conservadorismo religioso é uma resistência aos avanços em relação aos direitos das mulheres, direitos sexuais e reprodutivos (pautas de movimentos sociais feministas e LGBTI+), em um movimento de defesa da família tradicional e matrimônio (Richard MISKOLCI, Maximiliano CAMPANA, 2017)

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

CASAGRANDE, L. S.; CARVALHO, M. G. Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29, 2006. In: **Atas...** Disponível em <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2066--Int.pdf>. Acesso em 24 out 2020.

COSTA, E. R. **República Federativa Evangélica: uma análise de gênero sobre a laicidade no Brasil a partir da atuação dos/as parlamentares evangélicos/as no Congresso Nacional no exercício da 54ª Legislatura**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2016.

DAMARES, A. **DAMARES Alves manda a real sobre gênero**. Polêmica sobre "Meninos vestem azul meninas vestem rosa. YouTube. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OE75gR8bSbE>. Acesso em 24 out 2020.

DAMARES, A. **ENTREVISTA Damares fala sobre polêmica da abstinência sexual e projetos de 2020**. YouTube. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pKQh995n3dY>. Acesso em 24 out 2020.

DAMARES, A. **Menino veste Azul e menina veste Rosa. Uma Nova Era?** YouTube. 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6myjru-e81U>. Acesso em 24 out 2020.

DAMÉ, L. Em crescimento, bancada evangélica terá 91 parlamentares no Congresso. **Agência Brasil**, [on-line], 18 de outubro de 2018. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em 24 out 2020.

DANTE, L. R. **Projeto Teláris 9º ano: Matemática**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática. 2016.

FRISON, M. D. *et al.* Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de Ciências Naturais. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, VII, Florianópolis, 2009. In: **Anais...** Disponível em <https://docplayer.com.br/7582442-Livro-didatico-como-instrumento-de-apoio-para-construcao-de-propostas-de-ensino-de-ciencias-naturais.html>. Acesso em 24 out 2020.

G1. Brasil tem gravidez na adolescência acima da média latino-americana, diz OMS. G1 [on-line], 01 de março de 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/brasil-tem-gravidez-na-adolescencia-acima-da-media-latino-americana-diz-oms.ghtml>. Acesso em 24 out 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2010.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v.3, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/31>. Acesso em 24 out 2020.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2(56), p. 17-23, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 24 out 2020.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 7-42.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf>. Acesso em 24 out 2020.

NEDER, G. "Casamento perfeito", cultura religiosa e sentimentos políticos. **Passagens**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 3-20, 2016. Disponível em [https://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos\\_ing/v8n1a12016\\_ing.pdf](https://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos_ing/v8n1a12016_ing.pdf). Acesso em 24 out 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópoli: Vozes, 2009. p. 73-102.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SKOVMOSE, O. Cenários de investigação. **Bolema**, Rio Claro, v. 13, n. 14, p. 66-91, 2000. Disponível em <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/10635/7022>. Acesso em 24 out 2020.

SOUZA, S. A. F. **Análise de discurso: procedimentos metodológicos**. Manaus: Instituto Census, 2014.